

FOGOS MINEIROS NA PASSAGEM DO SÉCULO XVIII AO XIX: UMA APLICAÇÃO DA “TIPOLOGIA PLURIFUNCIONAL DE DOMICÍLIOS” À FREGUESIA DE SÃO JOSÉ DO RIO DAS MORTES.

Carlos de Oliveira Malaquias*

PPGHIS – FAFICH / UFMG

Resumo: Este texto discute e aplica a tipologia de domicílios elaborada por Rodarte (2008) ao caso da freguesia da vila de São José do Rio das Mortes. Conta-se como fonte uma listagem nominativa dos moradores da freguesia empreendida em 1795. Através do método estatístico *Grade of Membership* discerniu-se quatro perfis de arranjos domiciliares para a freguesia que foram comparados com a tipologia de Rodarte. Os resultados mostram que, apesar do universo reduzido de domicílios em análise e das particularidades históricas da trajetória da vila de São José, os perfis resultantes foram comparáveis, demonstrando a preservação de condicionamentos demoeconômicos na organização dos fogos na freguesia.

Palavras-chave: Minas Gerais, domicílios, *Grade of Membership*.

Área temática: 1. História Econômica e Demografia Histórica

Este texto discute e aplica a “tipologia plurifuncional de domicílios”, elaborada pelo demógrafo-historiador Mário M. S. Rodarte,¹ ao caso da freguesia de São José do Rio das Mortes.² Lançando mão do método estatístico *Grade of Membership*, Rodarte avaliou para os mais de 84 mil domicílios mineiros declarados nas listas nominativas da década de 1830 um conjunto de 38 atributos que lhe permitiram estabelecer os perfis predominantes de arranjos domiciliares da província. Aqui, adota-se um recorte espacial menos ambicioso, a antiga freguesia da vila de São José do Rio das Mortes que, grosso modo, compreende o território entre os atuais municípios de Tiradentes e Cláudio.³ Toma-se como fonte um arrolamento populacional elaborado pela paróquia local no final do século XVIII, *O Rol dos Confessados (...) de 1795*, que lista 1.723 unidades

* Mestre em História pela UFMG, doutorando em História na UFMG.

¹ RODARTE, Mário M. S. *O trabalho do fogo: perfis de domicílios enquanto unidades de produção e reprodução na Minas Gerais Oitocentista*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2008 (tese de doutoramento).

² Na intricada administração colonial, os territórios sob a jurisdição religiosa de uma paróquia matriz era chamado de *freguesia*, que era formado pela reunião de várias capelas filiais ou aplicações. Já a administração civil era encabeçada pelo Senado da Câmara sediado na vila sob cuja jurisdição ficava o *termo* da vila, mais ou menos semelhante ao que atualmente designamos por município. Não necessariamente havia coincidência entre a freguesia e o termo. No caso do termo da vila de São José, seus distritos ficavam sob a guarda de, pelo menos, quatro diferentes paróquias durante o século XVIII, sendo elas a paróquia de Sto. Antônio da vila de S. José, que englobava a maior parte do termo, a paróquia de N. Sra. da Conceição dos Prados, a paróquia de N. Sra. do Pilar da vila de S. João del Rei e a paróquia de Lavras.

³ Além da própria vila de S. José, atualmente correspondente ao município de Tiradentes, a freguesia ainda reunia as capelas de Passatempo, Oliveira, Cláudio e Desterro (mais ou menos correspondentes aos atuais municípios dos mesmos nomes), Lage e Japão (respectivamente correspondentes aos atuais municípios de Resende Costa e Carmópolis), São João Batista (um distrito do município de Oliveira, re-denominado Morro do Ferro), Pilar do Padre Gaspar e Penha da França do Bichinho (atualmente Elvas e Vitoriano Veloso, distritos do município de Prados).

domésticas.⁴ Assim como as listas nominativas utilizadas por Rodarte, o Rol dos Confessados relaciona os moradores da freguesia agrupados em seus domicílios e apresenta boa qualidade de informações dos atributos pessoais. Uma diferença importante entre essa fonte e as listas nominativas é que o Rol dos Confessados não menciona as crianças com menos de sete anos, uma vez que seu objetivo era listar os paroquianos aptos ao sacramento da confissão. Outra discrepância é que o Rol dos Confessados não oferece informações sobre ocupação. Não obstante essas limitações, foi possível empregar quase integralmente a grade de atributos proposta por Rodarte⁵ e gerar, usando a mesma metodologia do autor, quatro perfis distintos de organização doméstica. O objetivo é comparar os perfis obtidos nesse exercício com a tipologia discernida por Rodarte entre os domicílios mineiros na década de 1830.

Os estudos dos arranjos domiciliares no Brasil escravista, via de regra, empregaram tipologias estabelecidas previamente. A mais usual é a dos tipos de famílias propostos por Peter Laslett,⁶ cujo uso tem a vantagem de possibilitar a comparação com estudos de outros lugares e épocas. Como desvantagem, essa tipologia exige censos de boa qualidade na definição das relações entre os habitantes do domicílio, sendo que os membros das famílias devem estar claramente informados na fonte. Há também o risco de que os casos em vista não se enquadrem à tipologia preestabelecida, o que exigiria adaptações.⁷ Finalmente, a tipologia Laslett foi criticada por se basear numa ideia atual de família para explicar a lógica dos domicílios do passado. Segundo Mitterauer e Sieder, os tipos de família de Laslett privilegiariam as relações maritais e biológicas entre os moradores do domicílio deixando de fora outros habitantes tão essenciais quanto a parentela para o sustento da unidade.⁸ Chama a atenção no caso brasileiro a existência frequente de pessoas no fogo não aparentadas ao chefe – sobretudo escravos, mas também domésticos e agregados. A função desses indivíduos, fundamental para a inserção econômica do domicílio, não é levada em conta na perspectiva de Laslett e nos estudos que tomam as estruturas de parentesco ritual e sanguíneo como modelos para os domicílios.⁹

⁴ “*Rol dos Confessados desta Freguesia de S. Antonio da Villa de S. Joze, Comarca do Rio das Mortes, deste prezente anno de 1795*”, Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes (MG). Aqui se usa o banco de dados digital organizados pelos prof. Douglas C. Libby e Clotilde A. Paiva.

⁵ Ver RODARTE, Mário M. S. *O trabalho do fogo*: op. cit., item 7.2.1 para a descrição dos atributos pesquisados.

⁶ LASLETT, Peter et al (orgs). *Household and family in the past time*. Cambridge: University Printing House, 1972.

⁷ Por exemplo, Iraci del Nero da Costa e Maria Luísa Marcílio mantiveram os tipos de família de Laslett apenas diferenciando os domicílios com e sem escravos. Ver. COSTA, Iraci Del Nero da. *Populações mineiras: sobre a estrutura populacional de alguns núcleos mineiros no alvorecer do século XIX*. São Paulo, IPE-USP, 1981. MARCÍLIO, Maria Luíza. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista: 1700-1836*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2000, p.100-101. Já Eni Samara criou uma nova tipologia adequada ao caso brasileiro, mas incapaz de gerar comparações com os demais estudos. SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*: São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura, 1989, p.27.

⁸ A crítica é desenvolvida em MITTERAUER, Michael e SIEDER, Reinhard. MITTERAUER, Michael, SIEDER, Reinhard. *The European family: patriarchy to partnership from the middle Ages at the present*. Chicago: The University of Chicago, 1982, p.25 e seguintes. Como considerou Laslett: “Michael Mitterauer e seus colegas de Viena descrevem o domicílio familiar em termos de uma constelação de funções: função procriativa, de trabalho, de parentesco etc. Para eles, uma tipologia (como a que elaboramos em 1972) é inadequada para seus fins e leva a equívocos sobre a compreensão do grupo doméstico. A crítica é pertinente”. LASLETT, Peter. *Família e domicílio como grupo de trabalho e grupo de parentesco: comparação entre áreas da Europa Ocidental*. In MARCÍLIO, Maria Luíza (org.). *População e sociedade: evolução das sociedades pré-industriais*. Petrópolis: Vozes, 1984, p.166.

⁹ Ver BARICKMAN, B. J. E se a casa-grande não fosse tão grande? Uma freguesia açucareira do recôncavo baiano em 1835. *Afro-Ásia*. Salvador (BA), Edufba, nº 29-30, pp.79-132, 2003, em que a presença de escravos em grandes propriedades do Recôncavo é colocada em relevo em uma interessante abordagem do debate sobre patriarcalismo.

¹⁰ RODARTE, Mário M. S. *O trabalho do fogo*: op. cit., para as críticas do autor às formas convencionais de classificação dos fogos e sua proposta metodológica ver item 6.4, pp.180-190.

Os domicílios das sociedades pré-industriais conjugavam atividades produtivas às necessidades da família e eram, por isso, espaços simultâneos de produção e vivência. Nesse sentido, imperativos de reprodução humana mesclavam-se com necessidades de produção econômica, e as demandas de ambas as funções acabavam por definir o tamanho e a forma dos agrupamentos. Rodarte recupera essa dualidade básica de funções do domicílio em seu estudo, analisando toda a organização social que estruturava o fogo. Seu trabalho promove um descentramento de três ordens em relação às formas convencionais de classificação dos domicílios: é mais abrangente, pois inclui membros não parentes na conformação de cada tipo de organização domiciliar. Em segundo lugar, o método plurifuncional baseia-se em informações demográficas e econômicas do fogo presentes na maioria dos censos e não depende do registro de parentesco entre os moradores. Por fim, enquanto as classificações convencionais estabelecem tipos discretos, devendo os casos ser encaixados em uma das categorias, na metodologia empregada por Rodarte os tipos mais distintivos de arranjos domésticos segundo os vários atributos pesquisados emergem do universo analisado. Além disso, admite-se a existência de formas mistas que representam domicílios que não se encaixam completamente em um dos perfis.¹⁰

A expectativa deste texto é analisar os domicílios da freguesia de São José do Rio das Mortes nos anos de 1795 e 1831 levando em consideração suas funções de trabalho e procriação. Para tanto, reproduzimos a metodologia empregada por Rodarte no Rol dos Confessados de 1795 e comparamos os arranjos domiciliares aí verificados com a tipologia proposta pelo autor para a década de 1830. A possibilidade de perceber as mudanças na organização dos fogos num espaço delimitado ao longo do tempo ensejou alguns comentários sobre como as transformações econômicas e demográficas da freguesia nos quase quarenta anos que separam os censos influenciaram os arranjos domiciliares. Além dessa visão dinâmica, a comparação entre os resultados das duas experiências aqui apresentadas ofereceu outras perspectivas de crítica e debate do papel de aspectos sociais alheios à dimensão demoeconômica na conformação dos arranjos domésticos.

1. A aplicação do *Grade of Membership* nas listas nominativas de 1831.

Em sua tese doutoral, Rodarte procurou recuperar a condição histórica diversificada dos domicílios do passado elaborando uma tipologia capaz de contemplar outros atributos além das relações de parentesco. O autor adotou o método estatístico denominado *Grade of Membership* (GoM) que determina os perfis mais distintivos de uma população através da observação associativa do grupo de características avaliadas para cada elemento. Tais características são definidas pelo pesquisador com base em quantos predicados (variáveis) ele julgar necessários e possíveis para se apreender a natureza multifacetada dos domicílios. Basicamente, elabora-se um “questionário” que avalia todas as características concernentes aos elementos em vista e aos objetivos do estudo. A partir do padrão de respostas obtidas, delineiam-se dois ou mais perfis bem determinados denominados perfis extremos. Ou seja, a partir das respostas dos domicílios ao grupo de atributos pesquisados é possível visualizar certo número de tipos particulares de arranjos domésticos. Assim, nesse método os perfis emergem dos casos analisados, ao invés de constituírem uma tipologia prévia.

¹⁰ RODARTE, Mário M. S. *O trabalho do fogo*: op. cit., para as críticas do autor às formas convencionais de classificação dos fogos e sua proposta metodológica ver item 6.4, pp.180-190.

Outra característica do GoM é que os domicílios podem não ter identificação completa com cada perfil determinado, ou podem identificar-se parcialmente com mais de um perfil. O método atribuiu um grau de pertencimento de cada domicílio a cada um dos perfis extremos. Com grau de pertencimento um, o domicílio tem 100% de identificação/pertinência ao perfil, ao passo que grau de pertencimento zero significa que o domicílio não tem nenhuma pertinência ao perfil. Contudo, podem ocorrer formas de pertencimento intermediárias, constituindo conjuntos de fogos que têm características de mais de um perfil – esses casos são denominados perfis mistos.¹¹

Em termos formais, pode-se dizer, acompanhado a descrição do método por Sawyer *et alli*, que:

O GoM estima a probabilidade de uma categoria l , de uma variável j , pertencer ao perfil extremo k , λ_{kjl} , simultaneamente, ao grau de pertinência, g_{ik} , de um indivíduo i a um perfil extremo k . Portanto, a interpretação dos parâmetros pode ser feita de forma iterativa: os primeiros (λ_{kjl}) caracterizam os perfis extremos, ou seja, medem a probabilidade que tenha uma pessoa, com grau de pertinência total ao perfil k , dada a resposta na categoria l , da variável j , enquanto os últimos (g_{ik}) representam o grau de proximidade que cada indivíduo tem ao perfil extremo k . Essa proximidade é medida por meio da comparação das possíveis combinações de respostas nas categorias l do indivíduo com o conjunto de respostas configuradas no perfil extremo.¹²

Rodarte elaborou um conjunto de 38 atributos divididos em cinco blocos que informam sobre (1) atributos pessoais do chefe do fogo, (2) características do cônjuge do chefe, (3) indicadores demográficos dos membros livres do fogo, (3) indicadores de dependência econômica do domicílio, (4) características da escravaria, (5) atributos ocupacionais e locais do fogo.¹³ Esse “questionário” foi aplicado aos mais de 84 mil domicílios arrolados nas listas nominativas provinciais da década de 1830, o que cobria algo em torno de 57,5% da população da província na época e abrangia 261 (ou 60,7%) dos 430 distritos existentes em Minas.¹⁴ O amplo e diverso território ocupado pelos domicílios da análise de Rodarte garantem a consistência dos seus resultados.

A partir das probabilidades de respostas verificadas quatro tipos/perfis distintos de arranjos domiciliares em Minas Gerais na década de 1830 foram definidos:

- *Tipo 01 – camponês*: fogo estruturado por um núcleo conjugal seguido de filhos, de tamanho médio a grande, com pessoas jovens e, em sua maioria, pardas; o chefe era, normalmente, masculino, jovem, pardo, casado e não era seguido por nenhum membro idoso; baseado no trabalho livre familiar, ocupava-se do agropastoreio ou artesanato; em geral situado nos arredores de pequenos núcleos ou povoados, estava associados a regiões de médio ou baixo desenvolvimento econômico.
- *Tipo 02 – autônomo*: domicílios de chefia feminina de maior idade (próximo aos 50 anos) e cor preta; chefes solteiros ou viúvos e ausência de núcleo familiar; fogos pequenos,

¹¹ Ver a descrição mais detalhada da metodologia em *Idem*, pp.187-190.

¹² SAWYER, Diana O.; LEITE, Iúri da C.; GARCIA, Ricardo A. Perfis de utilização de serviços de saúde no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, pp.757-776, 2002, p.759.

¹³ Os atributos e categorias concernentes aos quatro primeiros blocos podem ser consultados na tabela anexa ao fim deste texto, a qual mostra como os perfis distinguidos no Rol dos Confessados de 1795 respondiam à grade de variáveis.

¹⁴ RODARTE, Mário M. S. *O trabalho do fogo*: op. cit., p.83.

normalmente, unipessoais ou até 3 pessoas, sendo a maioria mulheres; maior presença urbana nas áreas de povoamento consolidado; dedicados ao artesanato em tecidos.

- *Tipo 03 – escravista*: estruturado por um casal e filhos brancos, seguidos de outros livres adultos pardos e/ou negros; a capacidade de trabalho era reforçada pela presença de escravos e a vulnerabilidade econômica era menor; emblemático das atividades produtivas mais pujantes, não distinguia o tamanho da escravaria; encontravam-se bem distribuídos nas áreas da província; seus chefes dedicavam-se à agropecuária, mineração e comércio.
- *Tipo 04 – assalariado*: fogos de chefes solteiros ou casados, mas sem descendentes; em geral, de idade avançada, cor preta; só apresentava mulheres quando o chefe era casado; mais constantes em áreas de baixo desenvolvimento e em áreas rurais de núcleos pequenos; sustentavam-se com a venda da força de trabalho dos membros nas atividades agropecuárias. Podia incluir também, em melhor situação social, funcionários públicos, militares, prestadores de serviços e algumas profissões manuais.

Os quatro tipos definidos são os perfis extremos. A classificação dos fogos da província a cada tipo foi realizada através do conceito de “predominância das características de um perfil”.¹⁵ Nesse procedimento, considera-se que um fogo identifica-se a um perfil em três níveis: num primeiro nível de pertencimento (P1.k) se o grau de pertencimento ao perfil for de 100% de identidade; no segundo nível (P2.k) se o grau de pertencimento for superior a 70% de coincidência com as características do perfil; e o terceiro nível (P3.k) se o grau de pertinência a um perfil for superior a 60%, mas a soma da pertinência a quaisquer outros dois perfis não exceder 30%. Formalizando, temos que,

- primeiro nível (P1.k), $g_{ik} = 1$;
- para o segundo (P2.k), $0,7 \leq g_{ik} < 1$;
- para o terceiro (P3.k), $0,6 \leq g_{il} < 0,7 \cap g_{i2} + g_{i3} \leq 0,30, g_{i2} + g_{i3} \leq 0,30, g_{i3} + g_{i4} \leq 0,30$

Assim, pouco mais de 60% dos 84.810 fogos avaliados na província de Minas na década de 1830 identificavam-se, por predominância de características, a um dos perfis extremos. Os fogos mais identificados aos perfis *camponês* e *escravista* eram os tipos predominantes, correspondendo a, respectivamente, 24,3% e 21,6% dos domicílios. Ao contrário, o tipo *assalariado* tinha a menor representação, 4,7% dos domicílios, o que reflete a pequena expressão dessa forma de inserção econômica. Já os *autônomos*, fogos de mulheres solteiras em regiões urbanas, ou de funcionários do Estado nas mesmas áreas, representavam 12,5% dos fogos.

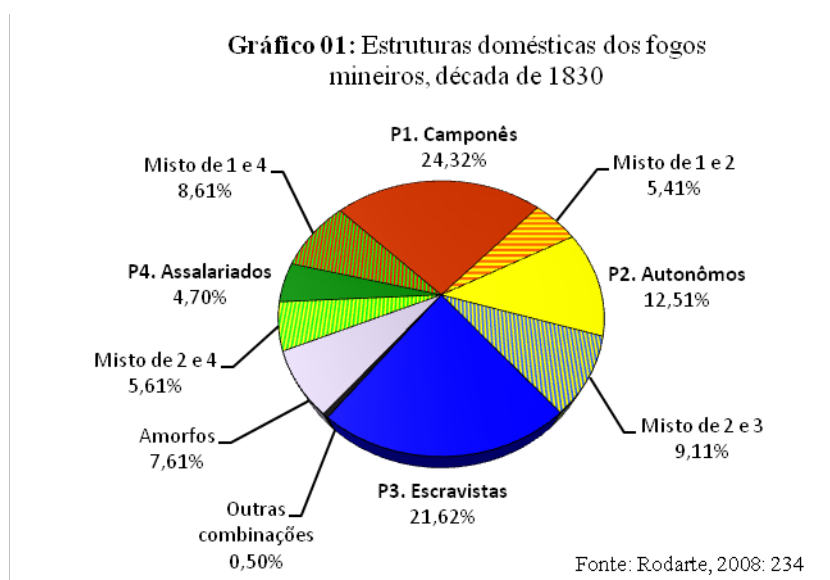
Além desses tipos extremos, puderam-se perceber perfis intermediários – denominados *mistos* – que são aqueles que incluem características de mais de um perfil extremo. Os casos intermediários foram compreendidos os fogos que preenchem as seguintes condições: (1) domicílios que possuem grau de pertencimento entre 60 e 70% a um dos perfis e de 30 a 40% equivalentes a outro perfil - $(0,60 \leq g_{ix} \leq 0,70) \cap (0,30 \leq g_{iy} \leq 0,40)$; e (2) fogos com grau de pertencimento entre 40 e 50% a um perfil extremo e de 40 a 50% a outro - $(0,40 \leq g_{ix} \leq 0,50) \cap (0,40 \leq g_{iy} \leq 0,50)$. No primeiro caso se incluem os fogos que misturam características de um perfil com outro, mas há predominância do primeiro tipo (Misto com Predominância do perfil x sobre y - MPxy); já o

¹⁵ SAWYER, Diana *et. alli*. Perfis de utilização de serviços de saúde no Brasil. : op. cit., p.762; RODARTE, Mário M. S. *O trabalho do fogo*: op. cit., p.233.

segundo trata dos fogos com características compartilhadas de mais de um perfil, mas sem uma clara predominância de um ou de outro (Misto Sem Predominância de x e y - MSP xy).

Entre os intermediários, aqueles que apresentaram maior freqüência em Minas na década de 1830 foram os mistos de escravistas e autônomos, 9,1% do total de fogos, os mistos de assalariados e camponeses, com 8,6%, os mistos de autônomos e assalariados, com 5,6%, e mistos de camponeses e autônomos, 5,4%. Essas combinações mostram as maiores possibilidades de compatibilização entre os diferentes perfis, o que indica os possíveis caminhos de evolução dos fogos em cada conjunto. O fato de virtualmente não serem contabilizados fogos em situação intermediária ente os perfis majoritários – isto é, mistos de camponeses e escravistas – aponta o antagonismo imanente dessas duas formas de arranjo domiciliar. Assim, era muito improvável que um fogo camponês passasse a escravista, sendo mais factível que evoluísse para um autônomo, ou assalariado com o envelhecimento dos chefes e a partida dos filhos.

A distribuição dos domicílios da província pelos perfis definidos por Rodarte pode ser observado no gráfico abaixo:



2. Perfis plurifuncionais de domicílios na freguesia de São José do Rio das Mortes em 1831

Optou-se por usar a tipologia definida por Rodarte nas listas nominativas da década de 1830 para traçar o padrão de organização domiciliar dos fogos de São José no ano de 1831. Seria possível aplicar todo o arsenal metodológico proposto pelo autor apenas aos fogos da freguesia de São José. Porém, consideramos os perfis acima discutidos representativos da diversidade social e espacial da província e interessante observar como eles seriam modulados pelas condições particulares de uma região delimitada. Procedeu-se, assim, apenas à seleção dos distritos que compunham a freguesia de São José do banco de dados com os fogos já classificados segundo a tipologia plurifuncional de Rodarte.

A tabela a seguir mostra como os fogos da freguesia se distribuía segundo os perfis plurifuncionais de domicílio na freguesia de São José. Percebe-se que os perfis extremos também abrangem quase dois terços dos fogos. Porém, para essa localidade particular, os domicílios identificados ao perfil *camponês* perfazem apenas 15%, sendo sobrepujados pelos *autônomos*, 21,5% dos fogos, e pelos *escravistas*, com 25,5%.

Tabela 01:			
Distribuição dos domicílios segundo tipologia dos perfis extremos, freguesia de S. José do Rio das Mortes, 1831			
Perfis	Predominância	N	%
Perfis Puros		1434	65,9
P1. Camponês		326	15,0
	P1.1	193	8,9
	P2.1	133	6,1
P2. Autônomo		468	21,5
	P1.2	172	7,9
	P2.2	296	13,6
P3. Escravista		555	25,5
	P1.3	467	21,5
	P2.3	88	4,0
P4. Assalariado		85	3,9
	P1.4	22	1,0
	P2.4	63	2,9
Perfis Mistos		640	29,4
De 1 e 2 - camponês e autônomo		136	6,3
	MP1,2	26	1,2
	MSP1,2	69	3,2
	MP2,1	41	1,9
De 1 e 4 - camponês e assalariado		119	5,5
	MP1,4	28	1,3
	MSP1,4	65	3,0
	MP4,1	26	1,2
De 2 e 3 - autônomo e escravista		303	13,9
	MP2,3	7	0,3
	MSP2,3	220	10,1
	MP3,2	76	3,5
De 2 e 4 - autônomo e assalariado		82	3,8
	MP2,4	42	1,9
	MSP2,4	29	1,3
	MP4,2	11	0,5
Amorfo		102	4,7
Total		2176	100,0

Fonte: Banco de dados das listas nominativas da década de 1830. CEDEPLAR/UFGM; RODARTE, Mário M. S. *O trabalho do fogo*: op. cit., p.234.

Os tipos mistos de autônomo e escravista são os perfis intermediários mais representativos, quase igualando a representação de camponeses. Esses resultados apontam que em S. José em 1831 as características do perfil autônomo estiveram mais dispersas do que em toda a província. Isso pode significar possibilidades diferenciadas de inserção econômica, especialmente em atividades passíveis de serem executadas por solitários, como as funções públicas ou serviços, ou que se concentravam na capacidade do chefe do fogo, dispensando o trabalho de outros livres, como seria

o caso dos trabalhadores em edificações, oleiros, alfaiates, costureiras e rendeiras. O fato de que muitos fogos se inseriam nessas ocupações e abdicavam da constituição de uma família é uma medida da diversidade de inserção econômica na freguesia. A tabela abaixo mostra que a localidade não era exclusivamente baseada na agropecuária e contava com um setor artesanal muito expressivo:

Tabela 02:
Setores de atividade dos chefes de fogo na freguesia de S. José, 1831

	N	%	% dos casos conhecidos
Agropecuária	481	22,1	33,8
Mineração	64	2,9	4,5
Atividades manuais e mecânicas	467	21,5	32,9
Comerciante fixo	124	5,7	8,7
Comerciante tropeiro	17	0,8	1,2
Serviço doméstico	8	0,4	0,6
Funionário público	31	1,4	2,2
Associações ocupacionais/outras	214	9,8	15,1
Desocupado	15	0,7	1,1
S/ inf.	755	34,7	
Total	2176	100	100

Fonte: Listas Nominativas de 1831

A agropecuária ocupava pouco mais de um terço dos chefes de fogo com ocupação conhecida de S. José. Praticamente outro terço dedicava-se a atividades artesanais diversas. Outros 25% dedicavam-se ao comércio ou apresentavam mais de uma ocupação (“Associações ocupacionais”). O forte setor artesanal, sobretudo o artesanato em tecidos, e a presença destacada do comércio e de funções administrativas colaborou para que os fogos se estruturassem segundo o perfil autônomo.

Configurações diferentes de fogo, no entanto, poderiam ocupar-se da mesma atividade.¹⁶ Outros aspectos, portanto, devem ser levados em conta para explicar a variedade dos arranjos domiciliares da freguesia e sua inserção econômica. Nesse caso, os principais fatores são o nível de desenvolvimento da região e a presença e extensão de núcleos urbanos, já que ambos podem criar oportunidades econômicas diferenciadas. A esse respeito, é interessante mencionar que na capitania de S. Paulo entre os anos 1798 e 1828, Maria Luiza Marcílio verifica que os domicílios de família simples – com apenas um núcleo familiar – eram quase 90% dos fogos sem escravos e, em média, 75% dos fogos que possuíam cativos.¹⁷ A vida na capitania de São Paulo nesse momento era basicamente caracterizada pela atividade agrícola pouco mercantilizada (pelo menos até a expansão dos cultivos de exportação na década de 1830); nesse contexto econômico a aquisição de escravos era limitada e a dependência de braços familiares fundamental. Em São José, ao contrário de São Paulo, os altos níveis de uso do trabalho escravo possibilitaram a vários domicílios sustentarem-se sem a presença de um núcleo familiar.

Quanto ao aspecto urbano, a região “Intermediária de Pitangui Tamanduá” – onde os distritos da freguesia de S. José situavam-se – sendo uma região de ocupação antiga e historicamente

¹⁶ Ver RODARTE, Mário M. S. *O trabalho do fogo*: op. cit., Tabela 72, p.349.

¹⁷ MARCILIO, Maria Luiza. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista, 1700-1836*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2000, p.102. Ver tabela 19.

identificada com a mineração e suas atividades acessórias, tinha em 1831 menos de 30% da população vivendo em núcleos urbanos e um nível baixo de centralidade urbana.¹⁸ Sabe-se que a região gravitava a vila de S. João del Rei, que funcionava como centro econômico e financeiro local, capaz de intermediar o comércio com a capital do Império e de prover crédito para o interior.¹⁹ As funções urbanas nos distritos de S. José provavelmente se ressentiam da predominância mercantil de São João. Porém, o mesmo capital mercantil que se impunha sobre tais distritos ampliava seus mercados além dos limites da província e criava oportunidades econômicas para a produção agropecuária local. O dinamismo dessas atividades, talvez mais do que a vitalidade urbana local, é que engendrou a diferenciação econômica que visualizamos nas tabelas precedentes. Era por causa da dinâmica economia rural da freguesia de S. José que houve oportunidades de manutenção para um significativo percentual de domicílios cujos membros ocupavam-se nos serviços ou artesanato e não se estruturavam sobre laços parentais.

Os domicílios de feição *camponês* têm, nesse contexto, expressão menor do que na província como um todo, onde eram 24,3% dos fogos. Tais domicílios tendiam a ser mais frequentes em regiões de ocupação recente, de desenvolvimento demográfico moderado a alto, mas baixo desenvolvimento econômico. Lançamos aqui mão de duas hipóteses para explicar porque os fogos de perfil *camponês* eram menos representados nas regiões de ocupação antiga e alto desenvolvimento, na freguesia de S. José em particular.

Por um lado, é possível que o tipo *camponês* de domicílio fosse o tipo de organização domiciliar mais comum em áreas de recursos abertos e abundantes, mas baixa mercantilização. A presença de terras disponíveis exigia braços para a produção e essa demanda era sustentada pela família nuclear, normalmente grande. Ao mesmo tempo, a fertilidade de terras pouco exploradas e a disponibilidade de recursos como madeira e caça teriam facilitado a sobrevivência em níveis modestos, dispensando mão de obra adicional extra-familiar, como escravos. Historicamente, no Brasil, a ocupação de áreas de fronteira foi feita por indivíduos pobres que empreenderam esse tipo de produção familiar. Como nota Sheila Faria para a capitania fluminense, as freguesias mais embrenhadas na Mata Atlântica eram habitadas principalmente por negros e pardos, responsáveis por abrir a região e limpar as terras.²⁰ Num segundo momento, e dependendo das oportunidades do mercado, pessoas mais abastadas dirigiam-se para esses lugares e, dada sua influência junto ao Estado, conseguiam sesmarias e fatalmente desalojavam a população primitiva.²¹ É possível que Minas Gerais tenha experimentado o mesmo padrão de ocupação de terras o que explicaria a maior presença de fogos chefiados por pardos, estruturados em núcleos familiares e dedicados à agropecuária, visualizados

¹⁸ Ver RODARTE, Mário M. S. *O trabalho do fogo*: op. cit., p.137, tabela 25 e Ver RODARTE, Mário M. S. *O caso das minas que não se esgotaram*: a pertinência do antigo núcleo central minerador na expansão da malha urbana da Minas Gerais oitocentista. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 1999, p.93, mapa 10, e p.135, tabela 35.

¹⁹ GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A Princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais*; São João del Rei, 1831-1888. São Paulo: Annablume, 2002, pp.106-107.

²⁰ FARIA, Sheila de Castro. *A Colônia em Movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp.127-128.

²¹ *Idem*, ver pp.125-126 sobre as barreiras à ocupação de terras durante a época colonial: a presença de indígenas e a mata fechada. Ver também MOTTA, Márcia Menendes. *Nas fronteiras do poder: conflito de terra e direito à terra no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura/ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998, cap.01, sobre o processo de desalojamento de pequenos produtores das terras interessantes para a agro-exportação no Rio de Janeiro.

por Rodarte nas frentes de expansão da província.²² Por outro lado, parece conseqüente que nas regiões de população consolidada esses fogos fossem pouco presentes.

Há evidência de que na freguesia de S. José praticamente não havia terras livres já na década de 1820, o que tornaria o lugar menos propício para unidades produtivas do tipo camponês. Em 1826 os camaristas da vila, respondendo a um questionário do Conselho da Província, afirmavam que “Todo o Termo esta occupado por titulos de Sismarias, e posses, e não restão terras algumas devolutas”.²³ Um ano antes, o vigário da freguesia, Antônio Xavier de Salles Matos, relatava no mapa de população que enviou ao bispado que não havia grande esperança de aumento populacional em S. José “*por ser esta freguesia circundada de outras limítrofes, e não confinar por parte alguma com sertões para onde se extenda*”.²⁴ Na mesma década – 1820 – não mais se registram pessoas vindas de fora da freguesia a se casar no local.²⁵ Poucos anos depois, as listas nominativas de 1831 apresentam razões de masculinidade baixas entre os livres, com destaque para a superioridade feminina entre a população preta e parda.²⁶ Essas taxas sugerem um movimento de emigração na freguesia, contradizendo a tendência anterior registrada em 1795 de superioridade masculina entre os livres.²⁷ As evidências, portanto, sugerem que justamente no momento em que os testemunhos apontam a falta de terras, verifica-se um fluxo de emigração da freguesia. Há relatos nesse sentido também. Na opinião do pároco da freguesia, assinalada no mapa de população de 1825: “*O termo da Freguesia tem tido considerável diminuição por que sendo na maior parte de terras de cultura, estas seguindo o método adotado nesta província se vão deteriorando ate chegarem a pouco produzir, esta a causa por que os Parochiannos vão em mudança procurar melhoramento ainda que várias vezes se enganem.*”²⁸

Assim, é possível que as baixas razões de masculinidade entre os livres não brancos signifiquem a emigração desse segmento o que, segundo o pároco local, acontecia em busca de terras. Quando não havia mais possibilidade de expansão da fronteira regional, os fogos camponeses experimentavam a migração e a desestruturação. O regime de herança prevalente no Brasil, que estipulava a repartição igualitária do patrimônio entre os descendentes, dividia a terra dos camponeses ao longo das gerações entre os vários filhos (como, mencionado, o perfil camponês corresponde a fogos com muito livres, possivelmente descendentes do casal chefe) até que as glebas não pudessem mais sustentar um novo núcleo. Então, essas famílias menos afortunadas tinham de sobreviver com a venda de sua força de trabalho, o que explica que em S. José a significativa parcela de fogos no perfil misto de *camponês* e *assalariado*. Uma opção à fragmentação da propriedade com a herança

²² Ver RODARTE, Mário M. S. *O trabalho do fogo*: op. cit., pp.224-225 e Mapa 27 à p. 251.

²³ *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte (MG): Imprensa Oficial, ano II, p.46, 1897 (grifo nosso).

²⁴ “*Mappa da população Parochianna da Freguesia de Sto. Antônio da Vila de São Jozé deste presente anno de 1825*”. AEDSJDR, Mappas populacionais, pasta 19. (grifo nosso)

²⁵ MALAQUIAS, Carlos de O. *Trabalho, família e escravidão*: pequenos produtores de São José do Rio das Mortes, de fins do século xviii a meados do xix. Belo Horizonte (MG): FAFICH/ UFMG, 2008 (dissertação de mestrado), Tabela 1.6, p.59. Ver a mesma tendência registrada para a paróquia de São João del Rei em BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal*: família e sociedade, São João Del Rei, século XVIII e XIX. Niterói: IFCH/UFF, 2002 (Tese de doutorado), p.117, tabelas 2.22 e 2.23.

²⁶ *Idem*, p.54. No ano de 1831, na freguesia de São José, as razões de sexo para livres brancos e não brancos eram, respectivamente, 98,62 e 81,93.

²⁷ LIBBY, Douglas C.; PAIVA, Clotilde A.. Alforrias e forros em uma freguesia mineira: São José d’El Rey em 1795. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Vol.17, n.1/2, pp.17-46, jan./dez. 2000. Os autores sugerem que a alta razão de sexo entre os livres em 1795 fosse em decorrência de migração para a freguesia.

²⁸ “*Mappa da população Parochianna da Freguesia de Sto. Antônio da Vila de São Jozé deste presente anno de 1825*”. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João Del Rei. Mapas Populacionais, pasta 19 (grifo noss).

era a migração dos filhos, o que parece também ser uma estratégia histórica das unidades camponesas como assinala Alida C. Metcalf.²⁹

Uma segunda hipótese, complementar à primeira, é que os fogos camponeses que conseguiram manter a posse dos meios produtivos tenham conseguido se beneficiar das oportunidades econômicas crescentes nas áreas de alto desenvolvimento. Seria possível que tais fogos pudessem subsistir graças ao fornecimento de mantimentos para os núcleos urbanos e empregar seus descendentes em atividades de serviço ou artesanato aliviando a pressão para a fragmentação da propriedade. Mas era igualmente possível que fogos camponeses evoluíssem para outros arranjos, sendo o mais pertinente o misto entre camponeses e autônomos. Como mostra Eni Samara, era comum que com a morte do marido, a esposa com filhos se mudassem para o meio urbano e se ocupassem do artesanato.³⁰

Em síntese, podemos considerar que sendo a freguesia de São José uma área de ocupação antiga e fronteira fechada no começo do século XIX, além de economicamente dinâmica graças à ligação mercantil com a capital do Império, fosse menos propícia ao estabelecimento de domicílios estruturados sobre o trabalho familiar e de baixa participação no mercado. Nas condições apresentadas pela freguesia na década de 1830, formas domiciliares sem uma família completa ou que lançavam mão de força de trabalho extra-familiar, sobretudo o trabalho escravo, eram mais comuns do que o tipo *camponês* de fogo. A avaliação das estruturas domiciliares no final do século XVIII que apresentamos a seguir soma elementos ao diagnóstico de como a freguesia evoluiu.

3. Padrões de organização domiciliar na freguesia de São José do Rio das Mortes em 1795

Para avaliar os arranjos domiciliares na freguesia de São José no final do século XVIII e comparar os resultados com as informações de 1831 discutidas acima, aplicamos ao Rol dos Confessados a mesma grade de atributos definida por Rodarte e empregamos a mesma metodologia de definição de perfis. O Rol tem algumas diferenças em relação às listas nominativas de 1831, sendo as mais relevantes o fato de que não relaciona a população com menos de sete anos (que virtualmente não poderia se confessar) e não oferece atributos de localização e ocupação. Dos 38 atributos que compõe o “questionário” proposto por Rodarte, pudemos avaliar apenas 28 para os 1.721 fogos que compunham a freguesia (ver tabela em anexo ao fim deste texto).

Foram definidos para a freguesia em 1795 os seguintes perfis:

- **Perfil 01:** chefe homem entre 30 e 39 anos, pardo, casado, com esposa coabitando o fogo podendo ela ter cor diferente do chefe e ser mais velha ou mais jovem que ele. São fogos que têm 2 ou mais livres, podendo apresentar 9 ou mais. A idade média dos livres concentra-se na fase adulta e produtiva, mas há registro de crianças nos fogos; a presença de idosos não é discriminada; as mulheres têm uma proporção baixa a moderada entre os livres; estes são pardos, brancos e pardos ou pretos e pardos; entre os livres há dois casados ou três ou

²⁹ METCALF, Alida. “A família e sociedade rural paulista: Santana do Parnaíba, 1750-1850”. *Estudos Econômicos*. São Paulo:, Nº 20, pp.283-304, mai-ago. 1990.

³⁰ SAMARA, Eni de Mesquita. *Lavoura Canavieira, Trabalho Livre e Cotidiano*: Itu, 1780-1830. São Paulo: Edusp, 2005, p.134.

mais, indicando a convivência de mais de um núcleo familiar; não discrimina a presença de livre viúvo. Apresenta baixa ou moderada razão de dependência; não tem escravos.

- **Perfil 02:** chefe mulher, até 29 anos, negra, viúva ou solteira, quando casada o cônjuge não foi registrado no censo. Fogos com apenas um livre (unipessoais) em idade adulta ou já idosa; graças a isso, não apresenta crianças e não discrimina a presença de idosos; s/ mulheres livres ou completamente femininos (apenas a chefe); os livres são negros ou pardos; nenhum casado ou apenas um, ou um viúvo. Não apresenta dependentes, nem escravos.
- **Perfil 03:** chefe masculino entre 30 e 39 anos, ou s/ informação de idade, branco, ou s/ informação de cor, casado com cônjuge coabitante, podendo a esposa ser de cor diferente do chefe e mais velha ou mais jovem que ele. Fogos com quatro ou mais livres de baixa idade média (até 13 anos, ou de 16 a 18); com registro de crianças e s/ discriminar idosos; os livres são brancos ou brancos e pardos ou brancos e pretos c/ ou s/ pardos, indicando a presença de pessoas fora do núcleo familiar, possivelmente como auxílio na força de trabalho; entre esses livres há dois casados ou três ou mais e não se discrimina viúvos. Apresenta baixa dependência e possui escravos em razões de 1 a 49 livres para cada 100 escravos até mais de 300 livres por cada 100 cativos. Apresenta todas as faixas de plantel e idades médias jovens da escravaria; pode possuir ou não escravos infantis assim como idosos; escravas, africanos, pardos e cativos casados podem ou não aparecer em qualquer proporção.
- **Perfil 04:** s/ chefe ou chefe feminino até 29 anos ou com 60 anos ou mais, branca, solteira ou viúvo, ou quando casada s/ cônjuge localizado. Fogos sem a presença de livres ou com apenas um (o chefe); quando presentes, os livres têm idade média bastante jovem (até 13 ou a 16 a 18 anos); não discrimina a presença de crianças e apresenta idosos; não há mulheres livres ou elas são mais de 75% do grupo; os membros livres do fogo são brancos ou brancos e negros; não apresenta casados ou apenas um casado ou viúvo. A dependência entre os livres é moderada; há escravos. Todas as faixas de posse de escravos aparecem; as escravarias podem ter médias etárias jovens, medianas ou velhas; pode possuir ou não escravos infantis assim como idosos; escravas, africanos, pardos e cativos casados podem ou não aparecer em qualquer proporção.

A grande diferença em relação à tipologia Rodarte é que dois dos perfis elaborados a partir do Rol dos Confessados são escravistas. Resto isso, há grande compatibilidade entre os perfis da província na década de 1830 e os resultados locais para a freguesia de S. José em 1795. Nosso primeiro grupo, de chefe pardo, casado, na faixa dos 39 anos, vivendo em fogos médios ou grandes e alta presença de crianças, que podem ser descendentes, casa-se com o perfil *camponês* definido por Rodarte. O segundo grupo assemelha-se ao perfil *autônomo*, pois verificamos fogos predominantemente com chefia feminina, normalmente pequenos, formados exclusivamente por mulheres ou sem a presença delas; os moradores, bem como a chefe, são em geral pardos e negros; a chefe é solteira ou viúva e não se registram crianças. A diferença com o perfil *autônomo* está na idade do chefe, aqui mais jovem (até 29 anos). O terceiro conjunto identifica-se com o perfil escravista, no qual os chefes são homens brancos, casados, na faixa dos trinta anos; seus fogos têm mais de quatro pessoas, os livres são brancos e negros e/ou pardos, indicando reforço de trabalhadores fora do núcleo familiar, e baixa razão de dependência etária entre os livres. O último perfil é original e parece mais identificado com o perfil misto de *escravista* e *autônomo* definido por

Rodarte. Nele estão os fogos de viúvas de escravistas ou mulheres solteiras que amealharam recursos; normalmente idosas, essas chefes de fogo viviam sozinhas ou acompanhadas de poucas pessoas. Também aparecem nesse perfil alguns fogos (27 no total) que não possuem chefe, apenas escravos listados, provavelmente tratando-se de propriedades rurais em que os proprietários não residiam. Aparecem ainda fogos chefiados por quartados (28 casos), o que possivelmente provoca uma distorção, pois são fogos unipessoais, mais próximos ao perfil de assalariados delimitado por Rodarte, mas que, por conterem escravos (na prática, o chefe do fogo, pois quartado ainda é escravo), estão alocados num perfil escravista. O fato de o perfil *assalariado* não ser visualizado na freguesia de S. José em 1795 indica que essa modalidade de inserção produtiva, nesse momento, não distinguia um padrão domiciliar típico.

Tabela 03:				
Distribuição dos domicílios segundo tipologia de predominância de características dos perfis - freguesia de S. José do Rio das Mortes, 1795				
Grupo de domicílios	Predominância	Perfis	Distribuição	
			N	%
Total			1723	100,00
Perfis Puros			1651	95,82
	Perfil 01		295	17,12
		P1.1	286	16,60
		P2.1	9	0,52
	Perfil 02		520	30,18
		P1.2	408	23,68
		P2.2	112	6,50
	Perfil 03		447	25,94
		P1.3	420	24,38
		P2.3	27	1,57
	Perfil 04		389	22,58
		P1.4	296	17,18
		P2.4	93	5,40
Perfis Mistos			35	2,03
	Mistos de 1 e 2			
		MP1,2	2	0,12
		MSP1,2	12	0,70
		MP2,1	18	1,04
	Mistos de 3 e 4			
		MP3,4	3	0,17
		MSP3,4	13	0,75
		MP4,3	16	0,93
Amorfo			8	0,48

Fonte dos dados: Rol dos Confessados de 1795

O perfil 01 – semelhante ao tipo *camponês* definido por Rodarte –, assim como em 1831, não era o mais destacado da freguesia no ano de 1795. Por essa data já ia quase um século de ocupação da área mineradora e, pelo menos, cinquenta anos de povoamento dos distritos rurais que se alongavam a oeste da vila de São José. Portanto, o processo histórico de abrandamento do conjunto *camponês* na antiga freguesia de S. José datou de algum momento na segunda metade do século XVIII, se é que alguma vez ele tenha sido predominante. Contudo, cabe observar que no final do século XVIII proporcionalmente mais fogos se identificam ao perfil puro de *camponeses* do que em 1831. Em outras palavras, em 1795 o nível 1 de pertença ao tipo *camponês*, o qual abrange os fogos com 100% das características coincidindo com o perfil, congregava 16,6% dos fogos da freguesia, enquanto em 1831 apenas 8% dos fogos têm características integralmente coincidentes com o perfil *camponês*, sendo que os demais fogos identificados a esse conjunto devem até 30% de suas características a outro perfil. Dessa maneira, é possível pensar que o padrão *camponês* visualizado por Rodarte diminuiu sua representatividade entre os fogos nos dois momentos da análise.

Os perfis escravistas (perfis 3 e 4), por outro lado, congregam quase metade (48,4%) dos fogos da freguesia em 1795. Nossa suspeita é que a posse dispersa de escravos nesse ano seja sintoma de uma situação de melhor distribuição das oportunidades econômicas no final do século do que na década de 1830.

O contexto da freguesia de São José em 1795 era diverso daquele de 1831, o que implica em situações diferentes conformando os arranjos domiciliares. Os aspectos básicos da mudança demoeconômica na freguesia de São José entre 1795 e 1831 podem ser assim sumarizados: crescimento moderado da população, em relação ao aumento populacional da Comarca do Rio das Mortes; definhamento da vila de São José que perde população e é ultrapassada por seus distritos ocidentais; participação no tráfico de escravos a partir de 1810 e a concentração da propriedade mancipia. Dessa forma, aguardávamos diferenças mais pronunciadas entre os perfis de domicílio discernidos pelo Rol e aqueles visualizados na década de 1830. As fortes semelhanças contempladas constituem uma surpresa que encaminha três considerações.

Em primeiro lugar, é possível pensar que determinadas demandas econômicas e familiares permaneceram como fortes condicionantes da organização dos domicílios em São José ao longo do período. Isso equivale a dizer que não houve mudanças socioeconômicas profundas na freguesia, apesar das mudanças situadas acima e do contexto politicamente atribulado entre a vinda da família Real e a Regência, passado pela Independência. Em 1795 a agropecuária já estava bem estabelecida nas regiões no entorno da vila de São José e, em distritos como Lage, por exemplo, os pedidos de sesmarias desde os anos 1750 solicitavam terras para o plantio.³¹ As bases para a expansão a oeste já estavam lançada, com a presença de pequenos núcleos de ocupadores nos distritos mais ocidentais como Oliveira, Cláudio e Japão, além de estradas, ou pelo menos trilhas, que integravam a Picada de Goiás. Esse potencial era sustentado pela capacidade mercantil da vila, um núcleo com mais de 4 mil moradores em 1795, onde funcionavam seleiros para estoque e revenda de gêneros.³² Há indicações de essa produção provesse o próprio mercado mineiro, mas outros indícios apontam que desde o século XVIII a vila de São José, e outras mais ao sul, já exportassem mantimentos para

³¹ TEIXEIRA, Maria L. R. C.. *Família escrava e riqueza na Comarca do Rio das Mortes: o distrito de Lage (1780-1850)*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1998 (Dissertação de Mestrado), p.40.

³² SILVA, Flávio Marcus da. *Subsistência e poder: a política de abastecimento alimentar nas Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008, pp.235-236.

o Rio de Janeiro, sustentando o crescimento populacional da capital da colônia.³³ Tal exportação não se comparava ao crescimento na demanda por mantimentos que a chegada da corte ao Rio de Janeiro e o crescimento urbano carioca vão promover. Com o impulso que o mercado carioca ofereceu, a expansão ao oeste foi mais vigorosa com a concentração populacional nos distritos ocidentais da freguesia. Por outro lado, a vila de São José foi suplantada pelo centro vizinho de São João del Rei, que obteve precedência na intermediação do comércio do oeste de Minas com a corte, monopolizando os circuitos mercantis dessa área.

Uma segunda consideração tem a ver com a distinção de um segundo perfil escravista. No final do século XVIII mais domicílios eram capazes de ampliar sua força de trabalho e reduzir sua dependência recorrendo à escravidão. Quase metade (48,72%) das 10.919 pessoas relacionadas no Rol dos Confessados eram escravos. Essa mão de obra estava presente em um de cada dois fogos da freguesia. Trata-se de uma proporção alta de escravos a indicar dinamismo econômico e elevada dispersão da posse de cativos. O quarto perfil definido a partir do Rol trata de uma parcela significativa dos proprietários de escravos composta por mulheres solteiras ou viúvas, sendo as primeiras, casos bem sucedidos de poupança e trabalho, enquanto as segundas era mulheres que controlavam a herança familiar. Em qualquer caso, em geral essas mulheres viviam sozinhas ou com filhos que ainda em idade infantil e tinham nos seus escravos a força de trabalho que sustentava a casa, ou, pelo menos, fazia parte do trabalho – já que não se pode desconsiderar que, em fogos pobres, livres e escravos compartilhassem afazeres. Já no ano de 1831, a freguesia ainda é fortemente escravista, mas os cativos são proporcionalmente menos do que em 1795 – reduzem-se a 41,47% de uma população de 15.819 pessoas e passam a estar em um de cada 2,5 fogos. Ao mesmo tempo, a posse de escravos fica mais concentrada em escravarias médias e altas. Somando esses dados com os relatos de ocupação da fronteira na década de 1820, pode-se concluir que o comércio com a praça do Rio de Janeiro que aqueceu a economia de abastecimento depois de 1808 tenha privilegiado as unidades econômicas como maior acesso aos meios de produção e capacidade de gestão das atividades.³⁴

Uma última consideração é que alguns atributos como o estado conjugal e a posse de escravos nos parecem ter um papel determinante na definição dos perfis, o que não nega a importância do fogo como unidade de vivência e trabalho. Pelo contrário. Relativamente ao estado conjugal e posse de escravos há uma série de outros objetivos e condicionantes sociais que implicavam na forma do fogo. Pessoas casadas estão mais sujeitas ao risco de terem filhos, normalmente não formavam fogos unipessoais e ampliavam sua rede social agregando a família do cônjuge, podendo receber auxílio de trabalho familiar, participar de redes de reciprocidade como os mutirões e de solidariedade. Já a posse de escravos informa sobre maior capacidade de inserção econômica do domicílio, acena para a possibilidade de substituir a mão-de-obra familiar pela cativa, lembra que a constituição de um fogo pode ser abonada por um dote ou herança (o que traz novamente as relações de parentesco ao jogo) e torna o chefe do fogo um senhor. As implicações desses atributos, portanto, são várias e ultrapassam o âmbito demográfico-econômico. O próximo item se ocupa brevemente dessas questões.

³³ Idem sobre o comércio entre as Comarcas no século XVIII. Em 1808 as vilas de S. João e S. José afirmavam ao ouvidor da Comarca estarem prontas a remeter àquela praça, sobre o lombo de bestas e cavalos, tudo quanto fosse necessário para tornar mais fácil o estabelecimento do príncipe regente em solo brasileiro. *RAPM*, X, pp.721, jul.-dez. 1905.

³⁴ MALAQUIAS, Carlos de O. *Trabalho, família e escravidão*, op. cit., pp.73-76.

4. Casamento, chefia de fogo e posse de escravos

Dos perfis que discernimos no Rol dos Confessados de 1795 pode-se afirmar que traduzem duas condições distintas de vida familiar e riqueza: de um lado pessoas solteiras, especialmente mulheres, que governam sozinhas seus fogos com e sem escravos, de outro, domicílios chefiados por um casal, com e sem escravos. Enquanto os perfis 1 e 3 – semelhantes aos perfis *camponês* e *escravista* visualizados por Rodarte – são de chefia completamente masculina (ver tabela em anexo), nossos perfis 2 e 4 têm chefia com ligeira maioria feminina, sendo os chefes masculinos cabeças de 40% fogos identificados ao perfil 2 e de 49% dos identificados ao perfil 4. Porém, estes perfis 2 e 4 coincidem no fato de que seus chefes respondem sozinhos pelo fogo, pois são solteiros (por volta da metade) ou viúvos (em torno de um terço); a diferença marcante entre eles é a presença de mão-de-obra escrava (que aparece no perfil 4) complementando a força de trabalho de fogos que não se estruturavam sobre uma família nuclear. Assim, parece-nos, o casamento e a posse de escravos são fatores determinantes na forma que os domicílios assumem.

A tabela a seguir mostra como o estado conjugal, o gênero do chefe e a posse de escravos se conjugavam nos fogos de São José em 1795 e 1831:

Tabela 04: Gênero, estado conjugal e posse de escravos entre chefes de fogos da freguesia de São José.				
Estado Marital do Chefe	1795		1831	
	Chefia do fogo masc.	Chefia do fogo fem.	Chefia do fogo masc.	Chefia do fogo fem.
<i>fogo sem escravos</i>				
s/í	0,20%	0,30%	0,20%	0,20%
solteiro	39,00%	62,30%	15,90%	64,60%
casado	57,80%	12,30%	77,60%	6,60%
viúvo	3,00%	25,00%	6,30%	28,50%
<i>fogos c/ escravos</i>				
s/í	1,20%	4,00%	0,40%	0,00%
solteiro	23,40%	32,70%	12,30%	29,90%
casado	70,30%	9,00%	80,50%	7,00%
viúvo	5,00%	54,30%	6,70%	63,10%

Fontes: Rol dos Confessados de 1795 e listas nominativas de 1831

Tanto no final do século XVIII, quanto na quarta década do XIX as mulheres que chefiavam fogos são predominantemente solteiras nos fogos sem escravos e viúvas naqueles com essa propriedade. As mulheres que chefiavam fogos com escravos, em sua maioria, são herdeiras de toda uma trajetória de acumulação de um casal, logo, tendem a ser mais velhas (ver na tabela anexa que os chefes de fogo no perfil 4 têm idades mais avançadas), porém economicamente mais seguras do que suas congêneres solteiras. Os homens, por sua vez, chefiavam fogos principalmente no estado de casados, mas essa característica é mais evidente quando o fogo tem escravos.

O casamento não era uma condição inescapável para a constituição de uma unidade doméstica. Todavia, verificamos que em 1795 em torno de 60% dos chefes de fogo eram casados ou viúvos e em 1831 o percentual era de quase 75%. Essas proporções apontam, como mostra a historiografia pertinente ao tema, que, via de regra, o casamento fundava uma nova família como unidade fundamental de trabalho, produção e organização da sociedade civil. De acordo com François

Lebrun, na Europa pré-industrial o matrimônio era ao mesmo tempo uma instituição religiosa que regulava as atitudes sexuais e a procriação, e também uma instituição civil que unia patrimônios e transmitia a propriedade.³⁵ Para o autor, mais do que indivíduos, o casamento tratava de “aproximar interesses materiais de duas famílias, de fundar um novo lar suscetível de continuar uma linhagem e de assumir um patrimônio”.³⁶ Carregadas desses significados, as escolhas matrimoniais eram dirigidos pela busca de um par *a altura*, no sentido ideal de unir pessoas com *qualidade* e riqueza semelhante.³⁷ Assim, os casamentos traduziam relações horizontais, isto é, era um laço que unia iguais.³⁸ As implicações imediatas dessa constatação são que a esmagadora maioria dos casais tinha a mesma cor e condição, o que ocorria em 80% dos casos tanto em 1795 quanto em 1831 (novamente ver a tabela anexa). Além disso, os cônjuges eram de padrões de riqueza semelhantes e, muitas vezes, moradores da mesma vizinhança.³⁹ Graças aos condicionamentos impostos pela procura de um par, o mercado matrimonial era restrito, o casamento religioso não era acessível a todos e, para aqueles que conseguiam, a instituição acabava reproduzindo a situação social de origem das pessoas.

Entretanto, o encaminhava uma estrutura domiciliar típica. Em grande parte isso era resultado dos eventos demográficos conseqüentes ao casamento, sobretudo o nascimento de filhos. Mas há outros aspectos importantes. Para a população pobre o casamento tinha como significados mínimos: a reunião das condições básicas para a sobrevivência no mundo rural, isto é, a constituição de uma unidade doméstica com sua divisão primária do trabalho entre o homem e a mulher; a aceitação dos migrantes pela comunidade local; a ampliação dos laços de parentela com a agregação de genros, sogros etc.; o acesso à terra e a estabilidade num mundo em que a migração era sempre uma alternativa.⁴⁰

Da mesma forma, a posse de um escravo engendrava características e sentidos que conformavam perfis distintos de fogos. Nesse aspecto particular, é interessante observar que o Grade of Membership não distinguiu os fogos escravistas segundo padrões de propriedade escrava. Como se nota na tabela em anexo, os fogos identificados aos perfis 3 e 4 possuem posses escravas de tamanhos variados. Da mesma forma, o perfil escravista discernido por Rodarte envolve fogos que possuem planteis de todas as escalas. É o caso aqui de considerarmos que a posse de um só escravo provocava mudanças demográficas e de outras ordens nos arranjos domiciliares de modo que um fogo com poucos escravos seja mais parecido com um domicílio de grande escravista do que com uma unidade sem cativos. Vale citar Alida C. Metcalf para quem a família camponesa definir-se-ia

³⁵ LEBRUN, François. Atitudes diante do amor e do casamento em sociedades tradicionais. In MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). *População e sociedade: evolução das sociedades pré-industriais*. Petrópolis: Vozes, 1984, p.171.

³⁶ *Idem*, p.175.

³⁷ A noção de qualidade é um tanto nebulosa, mas está ligada à concepção nobiliárquica de prestígio que, na realidade múltipla da colônia, envolvia as relações de cor, a condição, a fortuna e os laços sociais e familiares do sujeito. Sobre a noção de qualidade no mundo colonial ver LARA, Sílvia H.. *Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América Portuguesa*. São Paulo, Cia das Letras, 2007.

³⁸ LEWIN, Linda. *Política e Parentela na Paraíba: um estudo de Caso da Oligarquia de Base Familiar*. Rio de Janeiro: Record, 1993. SILVA, Maria Beatriz Nizza da *História da Família no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. Para o contexto mineiro, BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal...* op. cit., ver esp. capítulo 04.

³⁹ Ver *Idem* e MALAQUIAS, Carlos de O. *Trabalho, família e escravidão*, op. cit., pp.131-135 sobre os casamentos da população menos abastada que conseguiam seus cônjuges na vizinhança do distrito em que moravam.

⁴⁰ Ver FÁRIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento*: op. cit. pp.63-66 e p.150; MATTOS, Hebe. *Das Cores do Silêncio*. Os significados da liberdade no Sudeste Escravista – Brasil – século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp.41-42.

pela ausência de escravos e pelo trabalho familiar.⁴¹ Segundo ela, era devido à falta de recursos que as estratégias de reprodução social dos grupos camponeses compreendiam alternativas como diminuição do tamanho do domicílio, a migração dos membros masculinos e a mudança das famílias chefiadas por mulheres para os centros urbanos. A posse de escravos, ao contrário assinala uma produção de excedente mais robusta e inserção regular no mercado conformando uma situação de menor vulnerabilidade econômica.

Além disso, haveria outros sentidos ligados à posse de escravos. Como mostra Bert Berickman em estudo sobre a produção de fumo e mandioca no recôncavo baiano, a posse de dois ou três escravos dificilmente libertava um lavrador e sua família do trabalho em casa e na roça; no máximo reduzia as horas de trabalho e permitia que os membros da família evitassem os serviços mais pesados, de modo que os roceiros que tinham poucos escravos levavam uma vida muito parecida com a de seus vizinhos sem nenhum. Por outro lado, a posse de cativos criava entre esses pequenos senhores e os grandes escravistas um vínculo baseado no interesse comum de perpetuação da escravidão como regime de trabalho.⁴²

Considerações Finais

Este texto analisou a “tipologia plurifuncional de domicílios” desenvolvida pelo demógrafo-historiador Mário Rodarte de duas maneiras. Em primeiro lugar, mostrou como as categorias de arranjos domiciliares, percebidas através da diversidade dos mais de 84 mil fogos analisados na província de Minas na década de 1830, foram moduladas pelo contexto particular da freguesia de São José. Em seguida, reproduziu a metodologia empregada por Rodarte ao Rol dos Confessados de 1795. Do primeiro exercício, percebemos como os domicílios do tipo *camponês* têm participação contraída numa região de ocupação antiga e fronteira ocupada. Levantamos a hipótese de que os arranjos domiciliares de perfil camponês sejam mais típicos de regiões com disponibilidade de recursos e baixa penetração das forças de mercado, o que não era o caso da freguesia de São José em 1831. A aplicação do método ao Rol dos Confessados, por sua vez, demonstrou que alguns do perfil discernidos por Rodarte puderam ser verificados, não obstante o universo reduzido de casos analisados e as particularidades históricas da freguesia. As coincidências verificadas, em nossa opinião, corroboram a metodologia. Além disso, mostram que alguns condicionamentos à estruturação dos fogos permaneceram constantes entre os quase quarenta anos que separam os momentos da análise. Finalmente, os perfis visualizados no Rol permitiram o debate de como as variáveis estado conjugal e posse de escravos influenciavam nos arranjos domiciliares e acenam para um campo ainda mais variado de funções do fogo, ultrapassando a produção e reprodução.

⁴¹ METCALF, Alida. “A família e sociedade rural paulista...” op.cit. Perspectiva contrária é defendida por FRAGOSO, João L. R. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1998 e MATTOS, Hebe Maria. *Ao Sul da história: lavradores pobres na crise do trabalho escravo*. SP: Brasiliense, 1987.

⁴² BARICKMAN, B. J. *Um Contraponto Baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. RJ: Civilização Brasileira, 2003, p. 251-252 e 309. Como afirma Douglas Libby, a grande disseminação de pequenas posses de escravos em Minas Gerais no século XIX funcionou como uma base de apoio social ao escravismo. LIBBY, Douglas C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p.77.

Anexo – Respostas do perfis de domicílios distinguidos no Rol dos Confessados de 1795 ao atributos pesquisados:

Atributos Pesquisados	Categorias	Total	Predominância do Tipo 1				Predominância do Tipo 2				Predominância do Tipo 3				Predominância do Tipo 4				Sem Predominância		Amorfo
			P1.1	P2.1	MP 1,2	Total	P1.2	P2.2	MP 2,1	Total	P1.3	P2.3	MP 3,4	Total	P1.4	P2.4	MP 4,3	Total	MSP 1,2	MSP 3,4	
Total	(Em N)	1723	286	9	2	297	408	112	18	538	420	27	3	450	296	93	16	405	12	13	8
	(Em %)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
A) Atributos do Chefe																					
Sexo do chefe do fogo	fogo s/ chefe	1,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	8,4	0,0	0,0	6,2	0,0	7,7	12,5
	masculino	68,6	100,0	100,0	100,0	100,0	49,0	25,0	11,1	42,8	100,0	96,3	66,7	99,6	52,0	30,1	50,0	46,9	50,0	46,2	62,5
	feminino	29,8	0,0	0,0	0,0	0,0	51,0	75,0	88,9	57,2	0,0	3,7	33,3	0,4	39,5	69,9	50,0	46,9	50,0	46,2	25,0
Grupo etário do chefe do fogo	fogo s/ chefe	1,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	8,4	0,0	0,0	6,2	0,0	7,7	12,5
	até 29	12,9	14,7	22,2	50,0	15,2	19,6	12,5	0,0	17,5	13,6	3,7	0,0	12,9	4,1	6,5	12,5	4,9	16,7	7,7	37,5
	30-39	20,5	26,9	33,3	0,0	26,9	17,2	18,8	27,8	17,8	26,0	11,1	0,0	24,9	14,5	16,1	6,3	14,6	25,0	15,4	25,0
	40-49	25,2	24,5	0,0	0,0	23,6	24,0	30,4	38,9	25,8	24,8	33,3	0,0	25,1	25,0	29,0	31,3	26,2	25,0	23,1	0,0
	50-59	16,3	15,7	11,1	0,0	15,5	14,5	21,4	16,7	16,0	16,0	3,7	33,3	15,3	16,9	19,4	31,3	18,0	33,3	23,1	0,0
	60 e mais	21,8	17,5	33,3	50,0	18,2	24,8	16,1	16,7	22,7	17,6	44,4	33,3	19,3	29,1	23,7	12,5	27,2	0,0	15,4	0,0
	s/ inf.	1,7	0,7	0,0	0,0	0,7	0,0	0,9	0,0	0,2	2,1	3,7	33,3	2,4	2,0	5,4	6,3	3,0	0,0	7,7	25,0
Cor do chefe do fogo	fogo s/ chefe	1,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	8,4	0,0	0,0	6,2	0,0	7,7	12,5
	branco	40,5	32,2	44,4	0,0	32,3	14,5	15,2	22,2	14,9	68,3	59,3	100,0	68,0	53,0	43,0	56,3	50,9	25,0	38,5	12,5
	crioulo/africano/ preto	22,6	16,8	33,3	50,0	17,5	47,1	37,5	27,8	44,4	5,2	22,2	0,0	6,2	15,2	21,5	6,3	16,3	16,7	7,7	12,5
	pardo	33,5	50,3	22,2	50,0	49,5	38,5	44,6	50,0	40,1	23,3	7,4	0,0	22,2	22,3	32,3	31,3	24,9	58,3	15,4	62,5
	s/inf.	1,9	0,7	0,0	0,0	0,7	0,0	2,7	0,0	0,6	3,1	11,1	0,0	3,6	1,0	3,2	6,3	1,7	0,0	30,8	0,0
Estado conjugal do chefe do fogo	presumido solteiro	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,5	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0	4,7	1,1	0,0	3,7	0,0	7,7	0,0
	solteiro	36,2	0,0	0,0	0,0	0,0	84,8	37,5	50,0	73,8	0,0	0,0	33,3	0,2	56,8	37,6	31,3	51,4	41,7	53,8	62,5
	casado	47,6	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	39,3	16,7	8,7	100,0	100,0	66,7	99,8	0,0	16,1	31,3	4,9	41,7	15,4	12,5
	viúvo	13,6	0,0	0,0	0,0	0,0	14,7	23,2	33,3	17,1	0,0	0,0	0,0	0,0	30,1	45,2	37,5	33,8	16,7	15,4	12,5
	fogo s/ chefe	1,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	8,4	0,0	0,0	6,2	0,0	7,7	12,5

Continua...

Continuação: Respostas do perfis de domicílios distinguidos no Rol dos Confessados de 1795 ao atributos pesquisados

Atributos Pesquisados	Categorias	Total	Predominância do Tipo 1				Predominância do Tipo 2				Predominância do Tipo 3				Predominância do Tipo 4				Sem Predominância		Amorfo
			P1.1	P2.1	MP 1,2	Total	P1.2	P2.2	MP 2,1	Total	P1.3	P2.3	MP 3,4	Total	P1.4	P2.4	MP 4,3	Total	MSP 1,2	MSP 3,4	
Total	(Em N)	1723	286	9	2	297	408	112	18	538	420	27	3	450	296	93	16	405	12	13	8
	(Em %)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
B) Atributos do Casal do Chefe																					
Cônjuge coabita?	não aplica	52,4	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	60,7	83,3	91,3	0,0	0,0	33,3	0,2	100,0	83,9	68,8	95,1	58,3	84,6	87,5
	não	4,5	0,0	0,0	50,0	0,3	0,0	39,3	16,7	8,7	0,0	0,0	66,7	0,4	0,0	16,1	25,0	4,7	41,7	15,4	12,5
	sim	43,2	100,0	100,0	50,0	99,7	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	100,0	0,0	99,3	0,0	0,0	6,3	0,2	0,0	0,0	0,0
Se coabita têm mesma cor?	não aplica	56,8	0,0	0,0	50,0	0,3	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	100,0	0,7	100,0	100,0	93,8	99,8	100,0	100,0	100,0
	sim	37,8	85,0	66,7	50,0	84,2	0,0	0,0	0,0	0,0	89,5	88,9	0,0	88,9	0,0	0,0	6,3	0,2	0,0	0,0	0,0
	não	5,2	15,0	33,3	0,0	15,5	0,0	0,0	0,0	0,0	10,0	7,4	0,0	9,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	s/i	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,5	3,7	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Se coabita, qual a diferença de idade do marido e da esposa?	não aplica	56,8	0,0	0,0	50,0	0,3	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	100,0	0,7	100,0	100,0	93,8	99,8	100,0	100,0	100,0
	esposa mais velha	6,1	13,6	22,2	0,0	13,8	0,0	0,0	0,0	0,0	14,3	14,8	0,0	14,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	0 a 7 anos	16,0	38,5	33,3	50,0	38,4	0,0	0,0	0,0	0,0	36,2	29,6	0,0	35,6	0,0	0,0	6,3	0,2	0,0	0,0	0,0
	8 a 15 anos	12,9	31,1	0,0	0,0	30,0	0,0	0,0	0,0	0,0	29,5	37,0	0,0	29,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	16 e mais	8,0	16,4	44,4	0,0	17,2	0,0	0,0	0,0	0,0	19,5	18,5	0,0	19,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	s/i	0,2	0,3	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,5	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Continua...

Continuação: Respostas do perfil de domicílios distinguidos no Rol dos Confessados de 1795 ao atributos pesquisados

Atributos Pesquisados	Categorias	Total	Predominância do Tipo 1				Predominância do Tipo 2				Predominância do Tipo 3				Predominância do Tipo 4				Sem Predominância		Amorfo
			P1.1	P2.1	MP 1,2	Total	P1.2	P2.2	MP 2,1	Total	P1.3	P2.3	MP 3,4	Total	P1.4	P2.4	MP 4,3	Total	MSP 1,2	MSP 3,4	
Total	(Em N)	1723	286	9	2	297	408	112	18	538	420	27	3	450	296	93	16	405	12	13	8
	(Em %)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
C) Atributos dos Membros Livres do Fogo																					
Nº de livres no domicílio	s/ livres	2,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	13,2	1,1	6,3	10,1	0,0	0,0	0,0
	1 pessoa	27,6	0,0	0,0	0,0	0,0	73,3	29,5	0,0	61,7	0,0	0,0	0,0	0,0	44,9	9,7	0,0	35,1	0,0	0,0	25,0
	2 pessoas	22,7	36,7	22,2	100,0	36,7	15,2	15,2	16,7	15,2	30,5	7,4	0,0	28,9	17,2	16,1	6,3	16,5	8,3	0,0	25,0
	3 pessoas	12,5	17,1	33,3	0,0	17,5	5,6	21,4	5,6	8,9	12,9	18,5	0,0	13,1	9,5	22,6	12,5	12,6	25,0	15,4	0,0
	4 pessoas	10,5	13,6	0,0	0,0	13,1	3,7	15,2	38,9	7,2	15,2	11,1	0,0	14,9	5,7	14,0	12,5	7,9	16,7	15,4	0,0
	5 pessoas	6,8	7,3	11,1	0,0	7,4	2,2	8,0	11,1	3,7	11,2	7,4	0,0	10,9	4,1	10,8	12,5	5,9	0,0	15,4	0,0
	6 pessoas	5,0	4,2	22,2	0,0	4,7	0,0	2,7	5,6	0,7	9,8	14,8	33,3	10,2	3,0	6,5	6,3	4,0	8,3	23,1	25,0
	7 a 8 pessoas	7,0	12,2	11,1	0,0	12,1	0,0	4,5	16,7	1,5	11,0	11,1	0,0	10,9	2,4	12,9	18,8	5,4	16,7	15,4	12,5
	9 pessoas e mais	5,6	8,7	0,0	0,0	8,4	0,0	3,6	5,6	0,9	9,5	29,6	66,7	11,1	0,0	6,5	25,0	2,5	25,0	15,4	12,5
Idade média dos livres	não aplica (fogo sem livres) ou s/inf. de idade para os livres	2,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,9	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	14,9	1,1	6,3	11,4	0,0	0,0	25,0
	até 13 anos	23,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	0,0	0,7	50,5	33,3	0,0	49,1	42,2	43,0	56,3	43,0	0,0	46,2	50,0
	14 a 16 anos	7,9	0,0	22,2	0,0	0,7	0,7	3,6	5,6	1,5	16,9	11,1	33,3	16,7	11,1	12,9	18,8	11,9	0,0	7,7	25,0
	17 a 18 anos	5,5	2,8	0,0	0,0	2,7	1,7	8,0	5,6	3,2	10,2	0,0	66,7	10,0	4,7	8,6	6,3	5,7	0,0	15,4	0,0
	19 a 21 anos	8,7	12,2	0,0	0,0	11,8	5,1	8,0	27,8	6,5	9,3	11,1	0,0	9,3	7,4	11,8	6,3	8,4	16,7	15,4	0,0
	22 a 24 anos	9,3	20,6	0,0	50,0	20,2	5,6	12,5	22,2	7,6	7,4	7,4	0,0	7,3	5,4	6,5	0,0	5,4	33,3	0,0	0,0
	25 a 30 anos	13,9	30,4	0,0	0,0	29,3	18,4	19,6	22,2	18,8	4,0	7,4	0,0	4,2	7,8	6,5	0,0	7,2	25,0	7,7	0,0
	31 a 35 anos	7,5	13,6	22,2	0,0	13,8	12,7	7,1	11,1	11,5	1,7	11,1	0,0	2,2	3,4	4,3	6,3	3,7	16,7	0,0	0,0
	36 a 50 anos	11,5	13,6	22,2	0,0	13,8	26,7	25,0	5,6	25,7	0,0	14,8	0,0	0,9	3,0	5,4	0,0	3,5	8,3	7,7	0,0
51 anos e mais	9,0	6,6	33,3	50,0	7,7	28,9	11,6	0,0	24,3	0,0	3,7	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	
Registra crianças (9 ou	Não	78,5	68,2	66,7	100,0	68,4	100,0	83,9	22,2	94,1	63,3	55,6	33,3	62,7	96,3	64,5	31,3	86,4	50,0	46,2	0,0

menos anos)? Sim 21,5 31,8 33,3 0,0 31,6 0,0 16,1 77,8 5,9 36,7 44,4 66,7 37,3 3,7 35,5 68,8 13,6 50,0 53,8 100,0

Continua...

Continuação: Respostas do perfil de domicílios distinguidos no Rol dos Confessados de 1795 ao atributos pesquisados

Atributos Pesquisados	Categorias	Total	Predominância do Tipo 1				Predominância do Tipo 2				Predominância do Tipo 3				Predominância do Tipo 4				Sem Predominância		Amorfo
			P1.1	P2.1	MP 1,2	Total	P1.2	P2.2	MP 2,1	Total	P1.3	P2.3	MP 3,4	Total	P1.4	P2.4	MP 4,3	Total	MSP 1,2	MSP 3,4	
Total	(Em N)	1723	286	9	2	297	408	112	18	538	420	27	3	450	296	93	16	405	12	13	8
	(Em %)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
C) Atributos dos Membros Livres do Fogo																					
Idoso (60 anos ou +)	não possui idoso	74,4	79,0	33,3	50,0	77,4	75,2	79,5	77,8	76,2	79,0	14,8	33,3	74,9	69,3	64,5	68,8	68,1	100,0	69,2	100,0
	possui idosos	25,6	21,0	66,7	50,0	22,6	24,8	20,5	22,2	23,8	21,0	85,2	66,7	25,1	30,7	35,5	31,3	31,9	0,0	30,8	0,0
Proporção de mulheres livres	s/ mulheres	23,4	0,0	0,0	0,0	0,0	47,3	16,1	0,0	39,2	0,0	0,0	0,0	0,0	59,8	8,6	12,5	46,2	0,0	0,0	62,5
	menos de 50%	16,9	28,0	33,3	0,0	27,9	0,0	15,2	44,4	4,6	28,8	25,9	66,7	28,9	5,1	22,6	37,5	10,4	33,3	38,5	25,0
	50%	26,1	46,9	33,3	100,0	46,8	7,8	14,3	27,8	9,9	46,9	25,9	33,3	45,6	7,4	23,7	12,5	11,4	16,7	23,1	12,5
	entre 51% e 75%	17,3	23,8	33,3	0,0	23,9	5,6	23,2	22,2	9,9	21,9	44,4	0,0	23,1	10,5	28,0	31,3	15,3	50,0	15,4	0,0
	mais de 75%	1,7	1,4	0,0	0,0	1,3	0,5	1,8	0,0	0,7	2,4	3,7	0,0	2,4	1,7	3,2	0,0	2,0	0,0	23,1	0,0
	só mulheres	14,6	0,0	0,0	0,0	0,0	38,7	29,5	5,6	35,7	0,0	0,0	0,0	0,0	15,5	14,0	6,3	14,8	0,0	0,0	0,0
Cor dos membros livres do domicílio	s/ inf.	2,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2,7	0,0	0,6	0,0	0,0	0,0	0,0	13,2	1,1	6,3	10,1	0,0	0,0	0,0
	brancos	31,8	20,6	11,1	0,0	20,2	14,5	11,6	16,7	13,9	53,1	37,0	33,3	52,0	47,3	25,8	37,5	42,0	16,7	38,5	25,0
	pardos	30,4	43,7	22,2	50,0	43,1	37,5	39,3	44,4	38,1	20,0	7,4	0,0	19,1	22,0	25,8	12,5	22,5	50,0	23,1	62,5
	pretos	18,3	14,3	33,3	50,0	15,2	42,9	28,6	11,1	38,8	5,5	18,5	0,0	6,2	5,4	15,1	0,0	7,4	16,7	0,0	12,5
	brancos e pardos	8,6	14,3	33,3	0,0	14,8	0,0	2,7	5,6	0,7	15,2	22,2	33,3	15,8	3,7	12,9	18,8	6,4	8,3	15,4	0,0
	pardos e pretos	5,9	7,0	0,0	0,0	6,7	5,1	13,4	22,2	7,4	2,9	3,7	0,0	2,9	5,1	10,8	6,3	6,4	8,3	15,4	0,0
	brancos e pretos c/ ou s/ pardos	2,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,8	0,0	0,4	3,3	11,1	33,3	4,0	3,4	8,6	18,8	5,2	0,0	7,7	0,0
Quantos livres casados?	Nenhum	50,3	0,0	0,0	0,0	0,0	99,5	56,3	66,7	89,4	0,0	0,0	0,0	0,0	98,6	77,4	62,5	92,3	25,0	7,7	87,5
	1 casado	4,9	0,0	0,0	50,0	0,3	0,5	42,0	16,7	9,7	0,0	0,0	0,0	0,0	1,4	19,4	31,3	6,7	16,7	7,7	12,5
	2 casados	42,4	96,5	100,0	50,0	96,3	0,0	1,8	16,7	0,9	96,0	74,1	33,3	94,2	0,0	2,2	6,3	0,7	33,3	61,5	0,0
	3 ou mais	2,5	3,5	0,0	0,0	3,4	0,0	0,0	0,0	0,0	4,0	25,9	66,7	5,8	0,0	1,1	0,0	0,2	25,0	23,1	0,0
Possui livres viúvos?	não	84,3	100,0	55,6	100,0	98,7	84,8	74,1	66,7	82,0	100,0	25,9	100,0	95,6	68,6	51,6	56,3	64,2	83,3	84,6	87,5
	sim	15,7	0,0	44,4	0,0	1,3	15,2	25,9	33,3	18,0	0,0	74,1	0,0	4,4	31,4	48,4	43,8	35,8	16,7	15,4	12,5

Continua...

Continuação: Respostas do perfis de domicílios distinguidos no Rol dos Confessados de 1795 ao atributos pesquisados

Atributos Pesquisados	Categorias	Total	Predominância do Tipo 1				Predominância do Tipo 2				Predominância do Tipo 3				Predominância do Tipo 4				Sem Predominância		Amorfo
			P1.1	P2.1	MP 1,2	Total	P1.2	P2.2	MP 2,1	Total	P1.3	P2.3	MP 3,4	Total	P1.4	P2.4	MP 4,3	Total	MSP 1,2	MSP 3,4	
Total	(Em N)	1723	286	9	2	297	408	112	18	538	420	27	3	450	296	93	16	405	12	13	8
	(Em %)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
C) Atributos dos Membros Livres do Fogo																					
Quantos livres uma vez casados?	nenhum	36,6	0,0	0,0	0,0	0,0	84,3	32,1	38,9	71,9	0,0	0,0	0,0	0,0	67,2	33,3	25,0	57,8	16,7	7,7	75,0
	1	17,6	0,0	0,0	50,0	0,3	15,7	62,5	44,4	26,4	0,0	0,0	0,0	0,0	32,8	57,0	37,5	38,5	16,7	7,7	25,0
	2	42,0	96,5	55,6	50,0	94,9	0,0	4,5	11,1	1,3	96,0	25,9	33,3	91,3	0,0	7,5	37,5	3,2	33,3	46,2	0,0
	3 ou mais	3,8	3,5	44,4	0,0	4,7	0,0	0,9	5,6	0,4	4,0	74,1	66,7	8,7	0,0	2,2	0,0	0,5	33,3	38,5	0,0
D) Atributos de Dependência																					
Razão de dependência domiciliar de livres – RDDDL (número de livres menores de 9 ou maiores de 60 anos para cada 100 livres entre 10 e 59 anos)	0 d.	71,6	60,8	44,4	50,0	60,3	100,0	75,9	16,7	92,2	59,5	18,5	0,0	56,7	81,4	51,6	18,8	72,1	50,0	30,8	25,0
	1 a 49 d..	21,1	33,6	44,4	0,0	33,7	0,0	15,2	55,6	5,0	35,7	77,8	66,7	38,4	0,0	37,6	68,8	11,4	50,0	69,2	25,0
	50 a 99 d..	4,7	5,6	11,1	50,0	6,1	0,0	8,9	27,8	2,8	4,8	3,7	33,3	4,9	4,1	9,7	6,3	5,4	0,0	0,0	50,0
	100 a 199 d.	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,4	0,0	0,0	1,0	0,0	0,0	0,0
	s/ livres ou s/ inf. de idade	2,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	13,2	1,1	6,3	10,1	0,0	0,0	0,0
Possui escravos no domicílio?	não	49,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	100,0
	sim	50,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0	0,0
Razão de dependência domiciliar de condição – RDDC (número de livres para cada 100 escravos)	apenas escravos	2,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	13,2	1,1	6,3	10,1	0,0	0,0	0,0	
	1 a 49	11,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	18,1	18,5	0,0	18,0	30,7	16,1	25,0	27,2	0,0	30,8	0,0
	50 a 99	10,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	23,6	22,2	33,3	23,6	17,2	17,2	12,5	17,0	0,0	7,7	0,0
	100 a 199	13,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	25,7	22,2	0,0	25,3	25,7	30,1	25,0	26,7	0,0	38,5	0,0
	200 a 299	5,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	13,6	11,1	66,7	13,8	5,1	17,2	12,5	8,1	0,0	7,7	0,0
	300 e mais	7,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	19,0	25,9	0,0	19,3	8,1	18,3	18,8	10,9	0,0	15,4	0,0
	s/ escravos	49,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	100,0

Continua...

Continuação: Respostas do perfis de domicílios distinguidos no Rol dos Confessados de 1795 ao atributos pesquisados

Atributos Pesquisados	Categorias	Total	Predominância do Tipo 1				Predominância do Tipo 2				Predominância do Tipo 3				Predominância do Tipo 4				Sem Predominância		Amorfo
			P1.1	P2.1	MP 1,2	Total	P1.2	P2.2	MP 2,1	Total	P1.3	P2.3	MP 3,4	Total	P1.4	P2.4	MP 4,3	Total	MSP 1,2	MSP 3,4	
Total	(Em N)	1723	286	9	2	297	408	112	18	538	420	27	3	450	296	93	16	405	12	13	8
	(Em %)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
E) Atributos dos Membros Escravos																					
Tamanho do plantel de escravos	s/ escravos	49,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	100,0
	1 a 3	28,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	52,4	48,1	0,0	51,8	61,1	59,1	43,8	60,0	0,0	53,8	0,0
	4 a 10	14,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	34,8	22,2	66,7	34,2	22,6	29,0	18,8	24,0	0,0	15,4	0,0
	11 a 30	6,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	11,0	18,5	33,3	11,6	13,9	9,7	37,5	13,8	0,0	7,7	0,0
	31 ou mais	1,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,9	11,1	0,0	2,4	2,4	2,2	0,0	2,2	0,0	23,1	0,0
Idade média do plantel de escravos	s/inf.	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,2	0,3	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0
	até 13 anos	22,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	58,1	48,1	66,7	57,6	23,0	51,6	37,5	30,1	0,0	61,5	0,0
	14 a 16 anos	6,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	15,7	11,1	0,0	15,3	9,1	17,2	18,8	11,4	0,0	0,0	0,0
	17 a 19 anos	5,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	10,2	22,2	0,0	10,9	9,8	8,6	18,8	9,9	0,0	7,7	0,0
	20 a 22 anos	3,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	5,2	7,4	33,3	5,6	11,1	5,4	12,5	9,9	0,0	15,4	0,0
	23 a 25 anos	3,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,8	7,4	0,0	4,0	10,1	8,6	0,0	9,4	0,0	0,0	0,0
	26 a 28 anos	2,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	0,0	0,0	3,3	5,7	3,2	0,0	4,9	0,0	15,4	0,0
	29 a 39 anos	4,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,1	3,7	0,0	3,1	19,9	4,3	6,3	15,8	0,0	0,0	0,0
	40 anos e mais	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	10,8	1,1	6,3	8,4	0,0	0,0	0,0
	não aplica	49,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Possui crianças escravas (9 ou menos anos) no fogo?	não	40,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	76,0	77,8	66,7	76,0	86,8	76,3	68,8	83,7	0,0	69,2	0,0
	sim	10,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	24,0	22,2	33,3	24,0	13,2	23,7	31,3	16,3	0,0	30,8	0,0
	não aplica	49,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	100,0
Possui escravos idosos (60 anos ou +) no fogo?	não aplica	49,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	100,0
	não	41,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	85,7	85,2	100,0	85,8	76,7	84,9	75,0	78,5	0,0	84,6	0,0
	sim	8,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	14,3	14,8	0,0	14,2	23,3	15,1	25,0	21,5	0,0	15,4	0,0

Continua...

Continuação: Respostas do perfis de domicílios distinguidos no Rol dos Confessados de 1795 ao atributos pesquisados

Atributos Pesquisados	Categorias	Total	Predominância do Tipo 1				Predominância do Tipo 2				Predominância do Tipo 3				Predominância do Tipo 4				Sem Predominância		Amorfo
			P1.1	P2.1	MP 1,2	Total	P1.2	P2.2	MP 2,1	Total	P1.3	P2.3	MP 3,4	Total	P1.4	P2.4	MP 4,3	Total	MSP 1,2	MSP 3,4	
Total	(Em N)	1723	286	9	2	297	408	112	18	538	420	27	3	450	296	93	16	405	12	13	8
	(Em %)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
E) Atributos dos Membros Escravos																					
Proporção de mulheres entre os escravos do fogo	s/ mulheres menos de 50%	17,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	27,1	25,9	33,3	27,1	48,3	33,3	25,0	44,0	0,0	30,8	0,0
	50% e mais	19,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	46,9	48,1	66,7	47,1	26,4	29,0	43,8	27,7	0,0	53,8	0,0
	só mulheres	8,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	19,8	18,5	0,0	19,6	13,5	22,6	25,0	16,0	0,0	7,7	0,0
	não aplica	4,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	6,2	7,4	0,0	6,2	11,8	15,1	6,3	12,3	0,0	7,7	0,0
	não aplica	49,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Proporção de escravos africanos no plantel	s/ africanos menos de 50%	5,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	9,3	11,1	0,0	9,3	14,2	16,1	6,3	14,3	0,0	0,0	0,0
	50% e mais	7,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	14,3	25,9	0,0	14,9	14,2	19,4	18,8	15,6	0,0	23,1	0,0
	só africanos	17,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	43,3	25,9	100,0	42,7	25,7	25,8	43,8	26,4	0,0	46,2	0,0
	não aplica	19,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	33,1	37,0	0,0	33,1	45,9	38,7	31,3	43,7	0,0	30,8	0,0
	não aplica	49,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Proporção de escravos pardos no plantel	sem pardos menos de 50%	39,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	79,5	66,7	100,0	78,9	77,0	76,3	75,0	76,8	0,0	69,2	0,0
	50% e mais	9,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	17,1	29,6	0,0	17,8	17,6	19,4	25,0	18,3	0,0	30,8	0,0
	só pardos	1,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2,4	0,0	0,0	2,2	3,4	3,2	0,0	3,2	0,0	0,0	0,0
	não aplica	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0	3,7	0,0	1,1	2,0	1,1	0,0	1,7	0,0	0,0	0,0
	não aplica	49,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Proporção de escravos adultos uma vez casados no plantel	s/ uma vez casado	43,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	84,0	77,8	100,0	83,8	89,9	87,1	68,8	88,4	0,0	69,2	0,0
	até 50%	4,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	9,8	11,1	0,0	9,8	6,8	5,4	25,0	7,2	0,0	7,7	0,0
	mais de 50%	2,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	6,2	11,1	0,0	6,4	3,4	7,5	6,3	4,4	0,0	23,1	0,0
	não aplica	49,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0